

## NOVAS MASCULINIDADES NO CONTEXTO SOCIAL FAMILIAR

Thiago Defanti Werneck Cunha

*Universidade Federal Fluminense – Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social – e-mail:  
eu.thiagocunha@gmail.com*

**Resumo:** De tempos em tempos, o ser humano depara-se com certas mudanças que se apresentam como desafios dessacralizadores das construções sociais vigentes. Nesse sentido, o trabalho aqui exposto propõe abordar questões relativas às novas masculinidades emergentes nos contextos sociais familiares que têm se apresentado na contemporaneidade. Para tanto, tracei um percurso histórico a respeito do patriarcalismo que permitiu maior embasamento nos debates acerca dessas novas masculinidades. Também foi revisitado o conceito de masculinidade hegemônica através de outras lentes. Na ótica do cuidado, verificamos com a revisão narrativa certa alteração desse viés, de maneira positiva. Ademais, buscou-se desnaturalizar construções sociais em favor de uma nova abordagem das masculinidades hodiernas.

**Palavras-chave:** Novas masculinidades, (re)construção social, contexto social familiar.

### 1. Introdução e apresentação

De tempos em tempos, o ser humano depara-se com algumas mudanças que se apresentam como desafios dessacralizadores das construções sociais vigentes. Essa frase carrega certa atemporalidade, uma vez que não aponta um evento único e datado, ocorrido em determinado momento histórico. A construção social de conceitos e modos de agir forma-se e reforma-se no decorrer da história. Mas, como dito, há períodos mais movimentados em que somos chamados a repensar ou mesmo “impensar”<sup>1</sup> essas construções.

Nesse sentido, o trabalho aqui exposto propõe abordar questões relativas à masculinidade e às novas masculinidades emergentes nos contextos sociais familiares que têm se apresentado na contemporaneidade. Para tanto, tracei um percurso a respeito do patriarcalismo, que embasou as análises subseqüentes e contribuiu para que a estrutura da conjuntura familiar há tempos vigente pudesse receber novas tintas contemporâneas, permitindo que diferentes matizes atuais ganhassem mais visibilidade. A leitura de Manuel Castells, François de Singly, Anthony Giddens, dentre outros autores, fortaleceu tal percurso.

Na sequência, mantendo-me apoiado metodologicamente na revisão bibliográfica ou revisão narrativa, busquei revisitar alguns debates acerca da masculinidade, ou melhor, das masculinidades, como podemos observar no trabalho de Miriam Pillar Grossi (2006). A autora cita que “a existência de dois gêneros não exclui a possibilidade de que estes sejam constituídos em vários

---

<sup>1</sup> Conceito ou expressão de Immanuel Wallerstein, presente em “O impensar da Ciência Social”, que aponta para um “repensar a modernidade, em busca de uma alternativa neomoderna capaz de manter o que existe de positivo na modernidade, corrigindo suas patologias”.

modelos de feminino e de masculino, modelos que variam histórica e culturalmente, mas também que têm diferentes matizes no interior de cada cultura” (GROSSI, 2004, p. 5).

Destarte, para maior aprofundamento da discussão, o conceito de masculinidade de Connell é igualmente revisitado. A hegemonia masculina pode ser analisada a partir do embasamento apresentado inicialmente e do surgimento de mudanças nos contextos sociais familiares recentes. A reconhecimento dessas mudanças, um importante trabalho pesquisado, intitulado “A vida familiar no masculino” e organizado pelas autoras Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha, sustenta novas lentes e percepções. Segundo as autoras: “Se durante tanto tempo, e tão aprofundadamente, se procurou compreender a entrada das mulheres na vida pública, era agora tempo de estudar o movimento inverso: o da entrada dos homens na vida privada, na família” (WALL, ABOIM, CUNHA, 2010, p. 460). Assim, é imprescindível que estudemos as novas masculinidades e as autoras reforçam tal discurso dizendo: “No entanto, com a erosão dos velhos modelos de masculinidade e a construção de novas formas de organizar a vida familiar, também os homens se viram, e se vêem, convocados à mudança e a reconstrução de si mesmos, das suas práticas, dos seus valores e das suas identidades” (idem).

As novas masculinidades assumem papéis renovados – reconstruídos não apenas na ótica da família, mas também no que tange ao cuidado. Em “Família, Redes, Laços e Políticas Públicas”, organizado por Ana Rojas Acosta e Maria Amalia Faller Vitale, o capítulo “Homens e cuidado: uma outra família?”, de Lyra et al., aponta que:

Essa polarização entre homens e mulheres e seus respectivos espaços de atuação configuraram uma relação de dominação/subordinação que ocasionou o “enquadramento” e a consequente limitação do poder de participação feminina nas decisões sociopolíticas, assim como a supressão da figura masculina como fonte de cuidado (LYRA et al., 2003, p. 82).

Os mesmos autores utilizaram as considerações de Marília Pinto de Carvalho (1999) para confrontar essa “naturalização” da ótica do cuidado vinculado ao feminino na busca de um novo olhar que propõe a ampliação da participação masculina nesse contexto.

Ainda que brevemente, busquei trazer questões relativas ao discurso, elemento de grande significação na formação das novas masculinidades. A historiadora Joan Scott, identificada com o pós-estruturalismo, também trata das questões de gênero como aspecto de diferença nas relações de poder. Certamente, essas questões perpassam, ou melhor, são intrínsecas também contexto social familiar.

Relendo alguns dos textos que utilizei para construção do presente artigo, não pude deixar de notar que a voz narrativa transmitia-se em primeira pessoa. Pensei, então, em fazer o mesmo na escrita deste artigo. Creio que a decisão foi acertada. Acredito que essa escolha contribuiu na tentativa de aproximar o leitor das questões descritas, bem como possibilitou uma abordagem mais imbricada no cotidiano social e familiar das pessoas, apresentando novas masculinidades que têm buscado mais equidade entre as pessoas. De certo que tal escolha também se deve ao exercício pessoal dessa nova masculinidade que busca uma (re)contextualização social mais justa e diversa nos distintos contextos sociais, incluindo a família.

## 2. Considerações acerca do patriarcalismo

Uma frase potente inicia o quarto capítulo de *O Poder da Identidade*, de Manuel Castells. O autor afirma que “O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas” (Castells, 1999, p.169). Mas como poderíamos sintetizar o conceito de patriarcalismo? Valer-me-ei aqui, da definição do próprio Castells, que conceitua:

Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura. Os relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que têm sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo (CASTELLS, 1999, p. 169).

Essa estrutura embasa-se no exercício da autoridade. É uma construção que lança pilares para além do âmbito familiar, tornando-se uma construção social que, de maneira não estática, atua como um organismo que envolve e dirige as ações dos que se encontram enredados por ele, ou seja, um espraiado arcabouço autoritário que conduz ou mesmo que impõe condutas a todas as sociedades contemporâneas. Vale ressaltar que não se trata de uma dominação simplista, mas sim de um engenho reforçado e protegido histórica e culturalmente, pois, do contrário, ficaria exposto à contestação revoltosa (idem).

A argumentação de Gláuber Lucas Ceara-Silva, em sua dissertação *Corpos Penetrantes e Masculinidades: um estudo crítico às práticas patri(viri)arçais*, corrobora com os entendimentos acima expostos:

Os sujeitos se empenham em certo grau na configuração da sociedade, e por isso não devemos entender o patriarcado como um modelo frio. Isto requer um olhar

atento no ponto de saturação da estrutura, e do poder de agenciamento coletivo e/ou individual. E isto é bem persuasivo ao se pensar o que é um regime patriarcal. É um regime no qual os homens adquirem vantagens sobre as mulheres promovendo sua derrocada dos espaços de decisão. Porém, como regime, é uma prática sem líder, sem regimento, sem estatuto. Ao mesmo tempo na cartilagem social fica premente um código de honra a ser seguido, uma pedagogia que ensina o que não pode fazer, grupos com quem se identificar, justificativas em imaginários sociais coletivos e históricos; existem referências e até o levantamento de mitos a serem seguidos (CEARA-SILVA, 2017, p. 17).

Importante salientar, como aponta Gláuber Lucas, que não há uma liderança unificada que defende a estrutura patriarcal. A sustentação é fundada num alicerce robusto e de envergadura ampla que foi construído histórica e socialmente e que vem sendo reforçado ao longo do tempo. As instituições também ajudam a perpetuar essa dominação, seja através de posturas e ações dos Estados, das Igrejas, das escolas e, porque não dizer, da própria estrutura familiar. Insculpidas nessas instituições estão atitudes e comportamentos seculares que amarram as ações em diferentes épocas e sociedades. Contudo, não se afirma aqui que as amarras vivenciadas ao longo dos tempos são as mesmas em tipos e ações e em qualquer sociedade. O que se quer dizer é que, essencialmente, são ações e vinculações que fundeiam, estorvam e atam a conduta, mantendo a *dominação masculina*, utilizando o consagrado termo de Bourdieu (2014), como aspecto central e dirigente social.

A estrutura familiar patriarcal, como dito, arrasta características. Entretanto, não se pode dizer que o patriarcalismo não vem sofrendo abalos. Assim, podemos conceber “a suposição de que o patriarcado não é tão coeso”, nas palavras de Gláuber Lucas (2017, p. 25). O enfrentamento do poder masculino como regra imposta à família já é notado no que François de Singly conceitua como primeira modernidade ocidental, período em que a “abertura de um maior espaço para o indivíduo” (2007, p. 169) permite o florescimento de brechas para contestação dessa estrutura.

Certo processo de individualização inicia a “emancipação dos laços herdados” (Singly, 2007, p. 170). Esse movimento enceta também a desestabilização da família. Nas palavras de Singly, “A família não desaparece, mas ela muda de sentido” (idem). E continua, “em lugar de se impor aos seus membros, a família se torna de alguma maneira um serviço que pode ser colocado à disposição dos indivíduos, preocupados em viver juntos” (idem). Porém o próprio autor se preocupa em falar da manutenção, nesse período, da divisão existente entre os cônjuges, lembrando que ao homem ainda cabia “a responsabilidade de provedor de rendas; à mulher, a de dona-de-casa, com atribuição de se ocupar do trabalho doméstico” (Singly, 2007, p. 172).

Com a segunda modernidade, mantendo a “datação” de Singly, a partir de 1960 observa-se que a contraposição ao patriarcalismo aumentou. Algumas das razões apontadas pelo autor estão ligadas ao “movimento das mulheres, associado à sua maior escolarização” (Singly, 2007, p. 172). Ainda mais, indica Singly que:

As mulheres querem adquirir sua independência. Elas têm acesso à propriedade de seus corpos por meio da contracepção e do aborto, pelo direito ao reconhecimento do estupro e igualmente do estupro conjugal, e em seguida pelo reconhecimento do assédio sexual (SINGLY, 2007, p. 172).

Para Anthony Giddens, “o amor romântico pode ser encarado como um compromisso ativo e radical com o “machismo” da sociedade moderna” (1993, p. 10). Para Giddens, um fator foi decisivo na ruptura para o processo de emancipação feminina, o que ele chama do advento da “sexualidade plástica”:

A emergência do que eu chamo de sexualidade plástica é crucial para a emancipação implícita no relacionamento puro, assim como para a reivindicação da mulher ao prazer sexual. A sexualidade plástica descentralizada, liberta das necessidades de reprodução. Tem suas origens na tendência, iniciada no final do século XVIII, à limitação rigorosa da dimensão da família; mas torna-se mais tarde desenvolvida como resultado da difusão da contracepção moderna e das novas tecnologias reprodutivas. A sexualidade plástica pode ser caracterizada como um traço da personalidade e, desse modo, está intrinsecamente vinculada ao eu. Ao mesmo tempo, liberta a sexualidade da regra do falo, da importância jactanciosa da experiência sexual masculina (GIDDENS, 2007, p. 10).

Retomando Manuel Castells, o autor também tece comentários e fornece sua interpretação acerca da contestação do modelo de família patriarcal. Castells fala de transformações que, nesse final de milênio, vêm aturdindo a dominação patriarcal, em especial, “à família patriarcal, base fundamental do patriarcalismo” (Castells, 1999, p. 170). Nessa continuidade, o autor expõe:

A família patriarcal, base fundamental do patriarcalismo, vem sendo contestada neste fim de milênio pelos processos, inseparáveis, de transformação do trabalho feminino e da conscientização da mulher. As forças propulsoras desses processos são o crescimento de uma economia internacional global, mudanças tecnológicas no processo de reprodução da espécie e o impulso poderoso promovido pelas lutas da mulher e por um movimento feminista multifacetado, três tendências observadas a partir do final da década de 60 (CASTELLS, 1999, p. 170).

Castells entende que a eliminação da família patriarcal por fim ao sistema do patriarcado (1999, p. 171). Contudo, o literato expõe que o que se apresenta é o declínio desse modelo tão arraigado em nossa sociedade. Não se percebe o fim do modelo, mas o decréscimo de formas

familiares balizadas e vinculadas ao modelo patriarcal de formação familiar. Ele chama de “crise da família patriarcal o enfraquecimento do modelo familiar baseado na autoridade \ dominação contínua exercida pelo homem, como cabeça do casal, sobre toda família” (Castells, 1999, p. 173).

Toda essa conjuntura que vem sendo construída, mais recheada e permeada pelas diversas faces de enfrentamento do patriarcalismo e do modelo de família patriarcal, abre espaço para que possamos visualizar o crescimento de novas masculinidades. Ressalta-se que essas novas masculinidades também são obliteradas no árduo embate com o sistema de dominação patriarcal. Intenta-se aqui, nas abordagens seguintes, apontar traços que denotem e corroborem com essa perspectiva de mudança, que se apóia na ruptura do modelo que pretere àqueles que não o seguem.

### **3. O Discurso como instrumento**

Ainda que brevemente, busquei trazer questões relativas ao discurso, elemento de grande significação na formação das novas masculinidades. Segundo Joan Scott, historiadora identificada com o pós-estruturalismo, “o discurso é um instrumento de orientação do mundo, mesmo se não é anterior à orientação da diferença sexual” (SCOTT, apud GROSSI, 2004, p. 5). Seguimos com a pergunta de Grossi, referindo-se à Joan Scott:

O que ela quer dizer com isso? É uma passagem difícil e complexa, onde ela diz que o discurso é um instrumento de orientação do mundo, ou seja, tudo que vivemos é permeado pela linguagem, por discursos. As pós-estruturalistas pensam que discursos não são apenas palavras, mas linguagem, atos que têm significado (GROSSI, 2004, p. 5).

Importante é, então, ressaltar que também o discurso é formado histórica e socialmente. Ele também impinge às mulheres e, por que não dizer, às novas masculinidades, uma postura subjugada e de importância inferior. Nesse sentido, propus-me a um breve exercício durante a confecção desse artigo. Busquei em dicionários da língua portuguesa *on line* o significado das palavras “masculino” e “feminino”. O conhecido dicionário *Michaelis* apresentou as definições abaixo elencadas. Vale dizer que este é um exemplo, mas o resultado encontrado em outras pesquisas foi, senão igual, muito semelhante. Vejamos:

➔ masculino

1 Relativo ao sexo dos animais machos; macho;

2 FIG Que denota vigor, força ou virilidade;

3 Próprio do homem: “Será o mesquinho e tolo prazer masculino em conquistar para depois rejeitar?” (JU).

4 Destinado só a homens.

5 Com características másculas: “A mulher, grande, gorda e forte, com jeito masculino [...], olhou-me, intrigada” (MS).

6 BOT Diz-se de flor que apresenta apenas estames.

7 BIOL Diz-se de gameta que se funde ao gameta feminino durante a reprodução.

8 GRAM (substantivo masculino) Diz-se de ou gênero que se opõe ao feminino e/ou ao neutro<sup>2</sup>.

Percebemos que as acepções que a palavra trás falam em vigor, força e virilidade, aspectos historicamente ligados à posição social masculina de superioridade e supremacia. Quando buscamos pelo termo “feminino”, também nos deparamos com essa construção social que relega as mulheres e também outros tipos de masculinidade. Vejamos:

→ feminino

Substantivo Masculino:

1 Relativo a ou próprio de mulher: “Seus pés pequenos, e suas pernas finas pareciam incapazes de equilibrar o seu tronco rotundo, mas ele movia-se rápido e até com certa graça feminina” (RF).

2 Relativo a ou próprio de fêmea.

3 Relativo ao sexo que se caracteriza pelo ovário nos animais e nas plantas; fêmeo.

4 BOT Diz-se de flor que tem apenas pistilo(s).

Adjetivo substantivo masculino:

LING Diz-se de ou gênero de palavras ou nomes que designam seres femininos ou assim considerados: A palavra cadeira é do gênero feminino. Bonita é o feminino de bonito.

Substantivo masculino:

1 O conjunto formado pela totalidade das mulheres existentes: O feminino hoje já está presente na direção de grandes empresas.

2 Atributos físicos e psicológicos que configuram o caráter e as qualidades das mulheres: “O fidalgo detestava a mulher, tinha horror ao feminino, à sua mesa só homens apareciam e tantos que, dois expeditos copeiros, alípedes e solícitos, eram constantemente reclamados de um extremo a outro [...]” (CN). O eterno feminino<sup>3</sup>.

Incrível, ou não, tendo em vista a naturalização histórica da supremacia masculina, a não caracterização da mulher com atributos de força ou importância, como foi possível notar na definição do vocábulo “masculino”.

#### **4. Sobre a(s) (novas) Masculinidade(s), Família(s) e Cuidado**

A visão do masculino construída social e historicamente conceitua o homem, ou seja, o masculino, como um ser ativo. A ele é atribuída toda sorte de adjetivos que demonstram poder,

<sup>2</sup> Acesso em 05-08-2017.

<sup>3</sup> Idem.

domínio, e supremacia frente aos demais. E isso inclui proeminência não só sobre as mulheres, mas também a outros homens que agem de maneira diferente do padronizado por historicidade e construção social patriarcal. E essa atividade, segundo Mirian Pillar Grossi, “não diz respeito apenas à sexualidade; ela é também percebida positivamente como agressividade. Já na constituição da identidade de gênero na infância, observamos como o masculino se constitui pela hiperatividade dos meninos, que se confunde seguidamente com agressividade” (Grossi, 2004, p. 6). Nesse segmento, Anthony Giddens diz que:

O controle sexual dos homens sobre as mulheres é muito mais que uma característica incidental da vida social moderna. À medida que esse controle social começa a falhar, observamos mais claramente revelado o caráter compulsivo da sexualidade masculina – e este controle em declínio gera também um fluxo crescente de violência masculina sobre as mulheres (GIDDENS, 2007, p. 11).

É possível, entretanto, falar sobre novas masculinidades. Robert Connell é um dos autores que trabalha o repensar da hegemonia masculina e a transmissão do poder emanado pela masculinidade que, para além da força e compleição física, reflexiona acerca de outras possibilidades formadoras do quadro que retrata a sobre-eminência masculina:

Também muito apoiada é a ideia de que a hierarquia das masculinidades é um padrão de hegemonia, não um padrão de uma hegemonia simples baseada na força. O consenso cultural, a centralidade discursiva, a institucionalização e a marginalização ou a deslegitimação de alternativas são características amplamente documentadas de masculinidades socialmente dominantes (CONNELL, 2013, p.263).

O modelo de família também é “normatizado”, como visto anteriormente, pela postura de patriarcal de ascendência masculina. A professora Rita de Cássia Santos Freitas, conjuntamente às também docentes Cenira Duarte Braga e Nívia Valença Barros, traça, em seu texto *Famílias e Serviço Social – Algumas Reflexões para o debate*, certas ponderações, com as quais concordo, acerca da “multiplicidade de tipos familiares” (2010). Através dessas reflexões é possível perceber que a normatização patriarcal vem se fragmentando ou mesmo entrando em crise, e que o que encontramos hoje em dia retrata uma multiplicidade ingredientes nesse caldo familiar.

Nesse sentido, Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha (2010, p.159) dizem que “hoje, cada vez mais, os homens vêm-se a braços com as exigências impostas por novos modelos de masculinidade, que têm vindo a instituir um “novo papel” masculino, mais participante e afetivo, no seio da vida privada”. As autoras afirmam que o homem de hoje confronta-se com os papéis tradicionais de provedor e caminha no sentido de fortalecer a emergência de novos modelos de

masculinidade. Ele se distancia, na ótica das autoras, “das velhas figuras de marido e de pai distante, ausente e autoritário” (2010, p. 461). E continuam:

O distanciamento, em muitos casos, face aos modelos de socialização herdados em que o “pai” representava a autoridade e disciplina, constitui um elemento discursivo comum aos homens entrevistados. Em contrapartida, a linguagem da afetividade, do companheirismo, de uma paternidade próxima e intimista substituem os antigos códigos, hoje conotados com um passado que não querem reproduzir, nem transmitir aos filhos (idem).

As novas masculinidades assumem papéis renovados – reconstruídos não apenas na ótica da família, mas também no que tange ao cuidado. Em “Família, Redes, Laços e Políticas Públicas”, organizado por Ana Rojas Acosta e Maria Amalia Faller Vitale (2003), o capítulo “Homens e cuidado: uma outra família?”, de Lyra et al., traz de maneira condensada mas muito potente, uma série de reflexões. Os autores abordam, historicamente, a construção da feminilidade voltada para o cuidado. Apontam também a perpetuação da construção masculina como ser ativo e dotado de força física, o que deslocou um modelo “matrilinear” para o modelo “patrilinear”, reforçando a ideia do homem como dominante.

Entretanto, particularizam os autores que a masculinidade hegemônica, felizmente, não é um item serial, permitindo aos homens que sintam um “estranhamento”, pois “cada indivíduo assume a masculinidade de uma maneira singular dentro desse universo, existindo assim masculinidades que se constroem ao redor do modelo hegemônico, que podem ou não desenvolver relações harmoniosas entre si” (LYRA et al., 2003, p. 88). Em seguida, numa linha bourdesiana, apontam que “o poder social dado aos homens possui então uma dupla face, pois, ainda que seja fonte de privilégios e poderes individuais, é também fonte de sofrimento, dor e alienação” (idem).

Assim, é possível hoje atribuir ao homem um papel diferente do patriarcal, ainda que essa conduta ainda seja atuante. Sônia Vladimira Correia, escritora do quarto capítulo do título organizado por Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha (2010), expõe:

A cedência do modelo tradicional masculino a novas pluralidades no papel de homem produz um novo conjunto de questões, quer das formas de construção deste novo “caráter” social e familiar do homem, quer da mudança simbólica que isso pode representar na vida das famílias e da própria sociedade. É exatamente nesta moldura, que reúne novos e velhos papéis, em que o homem vai se enquadrando nos dias de hoje – prestador de cuidado aos filhos, participante nas tarefas domésticas e, ao mesmo tempo, ainda detentor da autoridade patriarcal, da dominação simbólica e do papel de principal provedor dos recursos econômicos –

que surge a tensão, sentida por alguns pais, entre o trabalho e a vida familiar (CORREIA, 2010, p. 129).

## 5. Agradecimento

A construção deste trabalho buscou reunir ideias e formulações pessoais à bibliografia apresentada e sala de aula. O resultado alcançado inicia minha trajetória, ainda por robustecer-se, de confecção de trabalhos acadêmicos e participação em congressos e simpósios. Já de início, este trabalho foi aceito no “V Seminário Enlaçando Sexualidades”, a se realizar em Salvador, no mês de agosto de 2017.

Assim, agradeço à Professora Rita Freitas, do Programa de Estudos Pós Graduated em Políticas Sociais da Universidade Federal Fluminense, pelas aulas e ensinamentos. Finalizo com a fala do antropólogo basco Ritxar Bacete:

O desafio deste século deve ser construir um novo modelo social mais democrático, justo e igualitário, e para isso, é fundamental que os homens estejam cada vez mais dispostos a questionar o modelo tradicional de masculinidade, a renunciar aos privilégios que recebem do sistema patriarcal, a se libertar do peso de uma masculinidade mal entendida e a se comprometer, junto com as mulheres, de maneira ativa, na realização de um mundo melhor para todas as pessoas, que permita melhorar as possibilidades do desenvolvimento humano<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> “Nova masculinidade” virá por meio de uma paternidade diferente, afirma antropólogo”. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/09/internacional/1462812457\\_321536.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/09/internacional/1462812457_321536.html). Acessado em 15/06/2017.

## Referências bibliográficas:

- ALMEIDA, Angela Mendes de. “Notas sobre a família no Brasil”. In: ALMEIDA, Angela Mendes de (Organizadora). *Pensando a família no Brasil: da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo/Editora da UFRRJ, 1987.
- BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- CARVALHO, Marília Pinto de. “Ensino: uma atividade relacional”. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: v. 1, n.11, p. 17-24, 1999.
- CASTELLS, Manuel. “O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação”. *O Poder da Identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.
- CEARA-SILVA, Glauber Lucas. *Corpos Penetrantes e Masculinidades: um estudo crítico às práticas patri(viri)arçais*. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2017.
- EL PAÍS. “‘Nova masculinidade’ virá por meio de uma paternidade diferente, afirma antropólogo”. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/09/internacional/1462812457\\_321536.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/09/internacional/1462812457_321536.html). Acessado em 15/06/2017.
- FREITAS, Rita; BRAGA, Cenira; BARROS, Nívia. “Famílias e Serviço Social – algumas reflexões para o debate”. In: DUARTE, Marco José de Oliveira; ALENCAR, Mônica Maria Torres de (Organizadores). *Família Famílias: práticas sociais e conversações contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2010.
- GIDDENS, Anthony. *Transformações na intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
- GROSSI, M. P. *Masculinidade: Uma revisão teórica. Mandrágora*. São Bernardo do Campo: 2006, v. XII, p. 21-42.
- LYRA, Jorge *et all*. “Homens e cuidado: uma outra família. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Organizadores). *Famílias: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: IEE/PUC, 2003.
- SANTOS, Gisele Cristina dos Anjos. “Os Estudos Feministas e o Racismo Epistêmico”. *Revista Gênero*. Vol.16/2. Niterói: 2016.
- SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 2ª ed.. São Paulo: Cortez ed., 2003.
- SINGLY, François de. *Sociologia da Família Contemporânea*. Trad. Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- WALL, Karin; ABOIM, Sofia; CUNHA, Vanessa (Organizadores). *A vida familiar no masculino: negociando velhas e novas masculinidades*. Coleção Estudos: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego. Lisboa: 2010.
- WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. *Impensar a ciência social: os limites dos paradigmas do século XIX*. São Paulo: Idéias & Letras, 2006.